
A MORTE, UM DISPOSITIVO DE PODER E CONTROLE DOS CORPOS GAYS

Rubenil da Silva Oliveira ¹

Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões ²

Resumo: : O presente artigo pretendeu analisar o fenômeno da morte nas narrativas gays enquanto dispositivo de poder e controle dos corpos dos homoafetivos. Para isso, como corpus literário tomou-se os romances – *Stella Manhattan* (1991), de Silviano Santiago; *O terceiro travesseiro* (2007), de Nelson Luiz de Carvalho e; *Confissões ao Mar* (2010), de Kadu Lago. Como corpus teórico, buscou-se fundamentar a argumentação em Foucault (2014 e 2017), Agamben (2005, 2010), Louro (2013), Hall (2014), Bhabha (2013), Mott (2003) e outros teóricos. O confronto entre a teoria e os textos literários selecionados leva à sustentação da tese de que a morte nas narrativas gays reproduz a voz da sociedade patriarcal que cerceia qualquer identidade ou comportamento contrário às normas por ela legitimadas. Portanto, a morte não é um fenômeno isolado, é resultado da não obediência à heteronormatividade e punição aos corpos gays que não anularam a sua identidade sexual.

Palavras-chave: Morte; Poder; Violência; Literatura gay.

Abstract: This article intends to analyze the phenomenon of death in gay narratives as a device for power and control of the homoaffective bodies. For this, as a literary corpus was taken the novels - *Stella Manhattan* (1991), by Silviano Santiago; *O terceiro travesseiro* (2007), by Nelson Luiz de Carvalho e; *Confissões ao mar* (2010), by Kadu Lago. As a theoretical corpus, it was tried to base the argument in Foucault (2014 and 2017), Agamben (2005, 2010), Louro (2013), Hall (2014), Bhabha (2013), Mott (2003) and other theorists. The confrontation between the theory and the selected literary texts leads to the support of the thesis that death in gay narratives reproduces the voice of the patriarchal society that curtails any identity or behavior contrary to the norms legitimated by it. Therefore, death is not an isolated phenomenon, it is a result of the non-obedience to the heterosexuality and punishment to the gay bodies that did not annul their sexual identity.

Keywords: Death; Power; Violence; Gay literature.

1 Doutorando em Letras - Estudos Literários da Universidade Federal do Pará. E-mail: rubenoliveira50@hotmail.com

2 Professora da Universidade Federal do Pará. E-mail: galvao@ufpa.br

1. INTRODUÇÃO

A homoafetividade quase sempre foi considerada uma anormalidade a ser combatida, embora em algumas sociedades os homoafetivos possam ser vistos como dotados de poderes mágicos, por exemplo, na Índia, isso não os faz participar da administração pública ou dos negócios. Esse combate demonstra que a negação ou silenciamento da homoafetividade é uma imposição da orientação sexual padrão, a heterossexual e, portanto, deve ser acatada por todos os outros viventes e seus opositores devem ser excluídos do grupo. Esse jogo dual entre heterossexuais e homoafetivos revela ser a manutenção da vida dependente do poder enquanto capacidade do sujeito de exercer sua autoridade e vontade sobre o outro, porque poder é sempre a relação entre duas grandezas contrárias.

É o exercício do poder soberano manifestado pelos heterossexuais que sustentam a ideia de que este é mais forte do que o homoafetivo, como se houvesse vidas melhores que outras a partir delas se pudesse, inclusive legitimar a justificativa para a morte daqueles considerados mais fracos – os homoafetivos, mulheres e crianças. Ressalta-se que a morte, nessa construção, deve ser vista como a cessação dos batimentos cardíacos e dos demais sinais vitais do sujeito, como declarado no projeto agambeniano. Ainda tratando da morte como ratificação do poder soberano da voz heteronormativa vê-se que ela é o castigo ou punição a todos aqueles que de algum modo não se enquadram nas normas forjadas por sujeitos heterossexuais.

No caso, a voz gay quando se levanta, merece logo, para o patriarcado, ser sufocada, uma vez que ela se opõe às normas impostas por esse sistema, fato que de algum modo encontra reminiscência na literatura romântica do século XIX com a morte das mulheres – Maria da Glória/Lucíola e Iracema, nas obras alencarianas. As referidas personagens morreram porque desobedeceram à voz do sistema – manterem-se virgens até o casamento. Da primeira, embora se tenha a ideia de que a venda da virgindade era por um motivo nobre – salvar a família, esta não tem o perdão do pai, tampouco da sociedade e da segunda, sobre ela predomina a voz da religiosidade, ela era sacerdotisa, portanto, deveria manter-se casta.

O objetivo geral deste estudo é analisar o fenômeno da morte nas narrativas gays enquanto dispositivo de poder e controle dos corpos dos homoafetivos. Para isso, tomou-se como base a ocorrência da morte nos romances **Confissões ao mar** (2010), de Kadu Lago, **O terceiro travesseiro** (2007), de Nelson Luiz de Carvalho e Stella Manhattan (1991), de **Silviano Santiago**. Já as categorias conceituais morte, poder e dispositivo são apresentadas a partir dos projetos filosóficos agambeniano e foucaultiano e a homoafetividade a partir de Mott (2003) e outros autores.

Para cumprir o propósito acima foi necessária a leitura para a verificação e análise da morte, na perspectiva comparada, nos três romances, porque se compreende a morte como sendo um dispositivo de controle do corpo gay. Neste sentido, observa-se que há apenas uma transmutação das personagens, a imposição de força não se dá mais sobre a mulher, agora é do heterossexual para o homoafetivo e, no caso, recuperando a tradição cristã e os escritos bíblicos de que a punição para o pecado é a morte. Portanto, os heterossexuais usam repetitivamente deste discurso para impor o seu poder, inclusive para justificar a

morte da população homoafetiva como visto nos textos literários lidos, embora se aponte outros artifícios como a violência urbana, o trânsito e a subversão ao regime autoritário como justificativa para a morte das personagens homoafetivas.

2 HOMOAFETIVIDADES, PODER E MORTE NA CENA LITERÁRIA

“Ninguém vai poder querer nos dizer como amar”
(Johnny Hooker/Liniker)

*“O desejo a nos punir, só porque somos iguais
A Idade Média é aqui
Mesmo que me arranquem o sexo, minha honra, meu prazer
Te amar eu ousaria”*
(Jorge Vercillo)

Os trechos das canções – *“Flutua”*, de Hooker e Liniker e *“Averso”*, de Jorge Vercillo, ambas representativas da reação ao discurso do outro sobre a sexualidade e o direito de amar do homoafetivo, o primeiro não tem especificidade, dirige-se a qualquer homoafetivo, o segundo é uma dedicatória feita pelo cantor ao amigo e produtor, Ricardo Camilo. As epígrafes têm o intento reprodutivista da expressão da violência contra o homoafetivo, ação essa que leva muitos deles à morte, quando não se deixam orientar por tal de dispositivo de controle que lhes quer a interdição de seus corpos. Dito isto, percebe-se que há na sociedade embora de modo implícito um código ético oriundo não se sabe de que época, mas com uma postura ética e estética na qual pretende o aprisionamento “no armário” das identidades homoafetivas devido a estas se mostrarem contrárias ao discurso da heteronormatividade.

Entende-se que quando lidas sob o signo do projeto filosófico foucaultiano as práticas homoafetivas expressam “um modo de vida, o que implica a formação de uma ética concreta, constituída por ‘regras facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida’”³ (LOPES, 2002, p. 38). Ressalta-se que o autor busca a partir da filosofia contemporânea construir as bases de uma estética para a literatura gay, mas nela se preserva o domínio ético, por tratar de um comportamento que para os de fora carece de punição, interdição como também apontado nos versos das canções da epígrafe.

Diante dessa necessidade de se querer regular o comportamento afetivo do outro se nota um embate entre forças contrárias, um grupo que quer dominar e o outro que luta para não ser dominado, surgindo assim um espaço de lutas entre as identidades sexuais. Essa atitude de desejar controlar as ações e comportamentos, inclusive os desejos mais íntimos como a sexualidade do outro, o querer dizer a quem se deve amar torna os corpos uma entidade política. Neste sentido, o corpo é também “um conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para

3 O projeto ético e estético gay é pensado pelo autor e dialoga com o estilo de vida pautado em uma ética e uma estética do projeto filosófico deleuziano.

as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber” (FOUCAULT, 2014, p. 31).

Entretanto, o ter o conhecimento sobre si e seu corpo implica no resistir à dominação e domesticação do corpo, isto é, o homoafetivo que se reconhece como consciente de seus desejos não aceita representar outros papéis e isso o coloca em conflito com os contrários. Por outro lado, o contrariado, no caso, a voz heterossexual a qual deseja manter o domínio e a ordem mediante a ótica patriarcal, religiosa ressent-se por não ter conseguido docilizar o homoafetivo. Porque o corpo gay é tido como frágil, portanto, deveria manter-se submisso ao outro e a não obediência implica na sua morte, instaurada como uma punição por não respeitar as regras ditas normais, assim a morte é:

A diagnose da morte era confiada ao médico, que a constatava através de critérios tradicionais que eram substancialmente os mesmos havia séculos: a cessação do batimento cardíaco e a parada da respiração. O além-coma tornava caducos justamente estes dois antiquíssimos critérios de constatação da morte e, abrindo uma terra de ninguém entre o coma e o falecimento, obrigava a identificar novos critérios e a fixar novas definições (AGAMBEN, 2010, p. 157).

Compreendendo a morte no seu sentido tradicional, vê-se ainda que ela seja reproduzida como a finitude do homem, o último estágio de cada vivente, assim o corpo gay é levado ao não ser, porque não soube se comportar como mandava a norma. As transgressões ocorrem porque as identidades são flexíveis, circulares, pois se o gênero é uma construção social, somente o ato de nomear um corpo como sendo “de menino” ou “de menina” não é o suficiente para moldá-lo como quer a sociedade. Por essa razão, a punição para aquele que se desvia desse caminho é a morte e, este é o último recurso na tradição cristã ocidental, uma vez que outras medidas não tiveram o poder de disciplinar o comportamento do corpo gay, daí se dizer que:

Como não está garantida e resolvida de uma vez por todas, como não pode ser decidida e determinada num só golpe, a ordem precisará ser reiterada constantemente, com sutileza e com energia, de modo explícito ou dissimulado. Mesmo que existam regras, que se tracem planos e sejam criadas estratégias e técnicas, haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso. Tal como numa viagem, pode ser instigante sair da rota fixada e experimentar as surpresas do incerto e do inesperado. Arriscar-se por caminhos não traçados. Viver perigosamente. Ainda que sejam tomadas todas as precauções, não há como impedir que alguns se atrevam a subverter as normas. Esses se tornarão, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões (LOURO, 2013, p. 16).

Nota-se que o pensamento da autora se soma ao que diz o verso de Johnny Hooker, pois as pessoas estão sempre querendo ensinar aos outros até como e quem se deve amar.

Àqueles que não obedecem assim como na canção de Jorge Vercilo são punidos pelos próprios desejos, visto que assumir uma identidade não condizente ao que chamam de padrão, em se tratando de identidade sexual, implica na morte. Essa, por sua vez, é trazida como outros elementos que possam não dizer explicitamente que a causa *mortis* foi o assumir-se gay, assim nota-se os acidentes de trânsito como o de Renato em **O terceiro travesseiro** (2007), de Nelson Luiz de Carvalho; o arrastão que mata Alejandro em **Confissões ao mar** (2010), de Kadu Lago e; o “suicídio” de Eduardo/Stella na prisão, em **Stella Manhattan** (1991), de Silvano Santiago.

As mortes têm justificativas dissimuladas, pois não se pode dizer abertamente que foi a ordem social que os matou para que as personagens tivessem um final feliz ao lado dos seus amados tais quais ocorrem nas narrativas heterossexuais. Por outro lado, quando a virgindade era fundamento para o casamento, as heroínas que subvertiam esse ideário eram punidas com a morte, a fim de que as leitoras percebessem que o ato delas era passível de uma punição brutal e tomassem para si os exemplos. Ressalta-se que Maria da Glória, Iracema e Margarida foram mortas no desfecho dos romances **Lucíola**, **Iracema** e **O seminarista**, respectivamente, os dois primeiros, de José de Alencar e o último, de Bernardo Guimarães.

O erro das três personagens foi ter perdido a virgindade antes do casamento e, nas suas épocas, século XIX, ser virgem era valor fundamental para que a mulher se casasse e pudesse ter filhos, já para o homem a virgindade deveria ser mantida apenas pelos clérigos. Todavia, as três rompem esse preceito, Maria da Glória vende a sua virgindade em troca de moedas de ouro que serviriam para comprar mantimentos e pagar ao médico o atendimento feito aos familiares, pois havia ali uma epidemia de febre amarela e somente ela não adoecera e morre no parto juntamente com o filho. Iracema ao se apaixonar por Martim deixa a tribo e engravida do mesmo, mas morre picada por uma serpente depois de ter o filho, Moacir. Por último, Margarida, a filha da D. Umbelina adocece e morre depois de ter tido uma noite de amor com o Eugênio, que já estava em vias de se tornar padre. Diante dessas evidências constatou-se que a morte funciona como um dispositivo de poder e controle sobre os corpos gays, uma vez que dispositivo é:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretção dessa prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determina-

do momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 2017, p. 364-365).

Como evidenciado no excerto, vê-se que os discursos usados para justificar a morte dos homoafetivos nas narrativas selecionadas legitimar a noção de poder sobre os corpos, inclusive quando se toma a noção de corpo-máquina defendida no projeto foucaultiano. Essa noção de corpo possibilita o “seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos – tudo isso assegurado por procedimentos de poder [...]” (FOUCAULT, 2017, p. 150).

Por outro lado, quando aqueles que se consideram superiores não conseguem o adestramento daquele que é considerado inferior, estes passam a ser vistos como indóceis, que não se deixam domesticar e isto serve para que novos conflitos surjam entre os polos dos dominadores e dos dominados. Ainda sobre a necessidade de disciplinamento dos corpos diz-se: “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 2017, p. 150). O não disciplinamento dos corpos reforça o não querer se deixar domesticar, é querer ser livre para tomar suas próprias, inclusive sobre a sua sexualidade, o que numa sociedade heteronormativa causa repulsa no outro.

A regulação e controle dos corpos feita pelos dispositivos estabelece que eles tenham “sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder” (AGAMBEN, 2005, p. 10). É na constituição das redes de relações de poder que se pode visualizar que a “velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida” (FOUCAULT, 2017, p. 150). É nessa dimensão que se inscreve o corpo e a morte de Eduardo Costa e Silva, pois a “expulsão” da casa paterna não fora o suficiente para que dele se pudesse esquecer, embora durante a sua estada nos Estados Unidos os pais também não tivessem mandado nenhuma carta. Acerca da morte de Eduardo menciona-se:

A noite transcorreu sem arruaças internas e sem incidentes, apesar de ser a tradicional noite de sábado, quando o espírito de revolta e a raiva tomam conta dos detidos. Pela manhã, no entanto, o delegado é chamado às pressas pelo carcereiro. Aquele deparou com o corpo do detido, Mr. Silva, todo coberto de sangue, com a cabeça espatifada. O alcoólatra detido à noite tinha se suicidado. O interrogatório levado a cabo entre os companheiros de cela nada esclareceu. Todos permaneceram em silêncio. Nada tinham visto, nada tinham escutado.

Feito o exame do corpo de delito, constatou-se que, antes do suicídio presumível, ele foi violentado pelos ocupantes da cela, com requintes de sadismo, isso porque, apesar de ter sido encontrado vestido, sua roupa íntima estava manchada de esperma e sangue. O exame do corpo justificou essa conclusão. Acredita-se – na

falta de cooperação das testemunhas oculares e possíveis criminosos – que tenha batido a cabeça contra a parede, como um louco. Contra a hipótese da espontaneidade do gesto tresloucado, existe o depoimento do carcereiro que afirma não ter vindo grito algum da cela durante toda a noite.

Foi aberto o inquérito, conclui aqui o relatório da polícia de Nova Iorque (SANTIAGO, 1991, p. 259).

Vê-se que as alegações da polícia para a morte de Eduardo não condizem com o perfil apresentado, sobretudo, para Stella durante a narração, o “suicídio” quebra o horizonte de expectativas do leitor e instaura o poder-violência sobre o corpo gay. Por isso, afirma-se que “o poder na modernidade se tornou um fenômeno que transcende a multidão de homens em ação, passando a se expressar unicamente através de uma entidade una e universal por meio de instrumentos, sejam eles a arma ou a lei” (NASCIMENTO, 2012, p. 159). Outro dado que reforça a tese de que Eduardo/Stella tenha sido assassinado pela própria polícia é o fato de o carcereiro não ter ouvido gritos, inclusive eles dizem no relatório que ele estava tresloucado e que batia fortemente a cabeça contra a parede.

A polícia vai mais longe quando usa da homoafetividade de Eduardo/Stella para justificar a sua morte, constituindo assim um novo álibi – ele era gay e se relacionara antes com aqueles que o mataram, como demonstrado pelos sinais de esperma e sangue nas roupas. Entretanto, a prova forjada recupera a tese de que a morte da personagem, além de trazer o aspecto político reforça, por sua vez, o aspecto social de que Eduardo/Stella era um estrangeiro, sem laços de parentesco e homoafetivo, assim ninguém reclamaria a sua morte. Também que essa não reclamação também age como dispositivo do não dito, aquilo que se silencia porque era um corpo gay e este deveria esquecido assim como era classificado pela **Constituição do Império** em 1823, conforme segue:

Qualquer pessoa, de qualquer qualidade que seja, que pecado de sodomia por qualquer maneira cometer, seja queimado, e feito por fogo em pó, para que nunca de seu corpo e sepultura possa haver memória, e todos os seus bens sejam confiscados para a Coroa de nosso Reino, posto que tenham descendentes; pelo mesmo caso deus filhos e netos ficarão inábeis e infames, assim como os daqueles que cometeram crime de Lesa Majestade (FIGARI, 2007, p. 64-65).

Há no excerto a comparação entre a homoafetividade e crimes de Lesa Majestade, ambos situados dentro de uma mesma estrutura demonstram que desde outrora o governo busca arrumar outras justificativas para a morte indiscriminada de sujeitos homoafetivos. Ressalta-se que casos semelhantes ocorrem não apenas na ficção literária, mas casos crassos de morte por homofobia são tratados nas delegacias como casos de crimes passionais, violência urbana ou sequer recebem uma classificação e/ou são investigados pelas autoridades policiais. No entanto, não é só o caso de Eduardo/Stella que parece dissimulado, outras mortes de sujeitos homoafetivos na cena literária também têm outro enfoque como visto em:

Acordei com a campainha tocando. Desliguei a TV e fui atender a porta resmungando. Como vou aquecer a pizza sem fogão e sem micro-ondas? O Renato é foda!

- Como você demorou, cara. Pai?

Seus olhos estavam vermelhos.

- Aconteceu alguma coisa com a mamãe?

Ele me abraçou.

- Pai, o que foi?

Beatriz acordou.

- O que aconteceu, Marcus?

- Não sei, meu pai não fala.

Beatriz lhe deu um pouco de água.

- Aconteceu uma tragédia, Marcus.

- Com a mamãe?

Com o movimento da cabeça ele disse que não. Apavorado, corri até a cozinha para ver que horas eram. De lá mesmo gritei para Beatriz:

- Uma hora da manhã, Beatriz! Uma hora da manhã!

Voltei em pânico para a sala.

- Pai, com o Renato não. Pelo amor de Deus!

- Perdão, meu filho, por trazer esta notícia.

- Pai, o que aconteceu?

- Renato nos deixou, filho.

- Isso não é verdade, pai. Estamos esperando que ele chegue. Vamos comer pizza, pai. Pai, o senhor não acredita? Olhe pai... Beatriz, pare de chorar...

Ele me abraçou.

- Sinto muito, filho.

Tive o peito estourado. Sonhos foram arrancados num só golpe. Como esperança, meu coração dizia que tudo aquilo era mentira. Anestesiado pela imensa dor, não consegui mais falar. Desobedientes, lágrimas insistiram em não aceitar a voz do coração. Rosto em lágrimas. Alma dilacerada. Comecei a chorar em silêncio. Senti o inferno dentro de mim.

Beatriz ficou com minha mãe. As duas disseram não estarem preparadas para isso. Meu pai e eu seguimos para o prédio da morte.

- Pai? Como... isso aconteceu?

- Ele capotou com o carro na marginal Pinheiros.

Silêncio. (CARVALHO, 2007, p. 197-198).

A morte de Renato tem o propósito de separá-lo para sempre de Marcus e acontece quando o leitor imagina que tudo ficará bem entre os três, pois Beatriz é também parte, é a personificação do terceiro travesseiro, a morte é ainda a manutenção da regularidade das coisas. As personagens (Marcus e Beatriz) eram adolescentes, só Renato tinha acabado de completar 18 anos e subverteram a partir da recusa à binariedade dos gêneros proposta pela identidade *queer*, pois tanto Marcus quanto Renato supera a barreira que delimita as identidades de gênero como masculino ou feminino. Neste sentido, afirma-se:

[...] *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (LOURO, 2013, p. 39).

Por outro lado, todas as formas de domesticação dos corpos, como a conversa com o padre, a armação de Ana para que Marcus se relacione com Beatriz e assim se esqueça de Renato, a ida de Ana ao centro de candomblé e a sugestão da conversa com o psicólogo não produzem qualquer efeito. Mesmo vivendo em um paradigma no qual as identidades são mutáveis, não fixas – o do sujeito sociológico – (HALL, 2014) constata-se que Marcus não quer mudar sua orientação sexual assim como não quer ser rotulado gay, quer apenas ser livre para viver o amor da forma como ele entende. Não é a imposição social da mãe, da religião ou da ciência que o farão mudar de identidade sexual. Diante disso, considera-se que:

A minoria não confronta simplesmente o pedagógico ou o poderoso discurso-mestre com um referente contraditório ou de negação. Ela interroga seu objeto ao refrear inicialmente seu objetivo. Insinuando-se nos termos de referência do discurso dominante, o suplementar antagoniza o poder implícito de generalizar, de produzir solidez sociológica (BHABHA, 2013, p. 251).

Ao ressignificar as palavras de Bhabha para o contexto das homoafetividades percebeu-se que o posicionamento dos garotos desde o princípio não é por se colocar contra, mas uma forma de interrogar aos seus pais e à sociedade que querem lhes impor uma forma de amar. Naturalmente, a formação do triângulo amoroso – Marcus-Renato-Beatriz – é perturbador para a sociedade patriarcal, uma marca antagônica ao modelo que se tem de triângulo amoroso nas relações heterossexuais. Interrogação que é posta diante da punição imposta a Marcus como notado no sofrimento deste durante o velório de Renato, também na posição da família deste ao aceitar a relação entre os dois e ainda reservar o momento anterior ao enterro para que Marcus se despedisse dele.

A posição da família exprime que os tempos são outros e com isso é preciso que a sociedade entenda que a homoafetividade não é crime, nem pecado mortal: “É legal ser homossexual!” Legal na dupla acepção do termo: porque a Lei protege os homossexuais e porque as ciências garantem que as três orientações sexuais – homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade – são igualmente legítimas, saudáveis e naturais” (MOTT, 2003, p. 47). A legitimidade trazida às relações gays ainda se mostra como um espaço de conflito entre os sujeitos com esta identidade e os heterossexuais, inclusive os primeiros buscam institucionalizar seus discursos a partir de estratégias elaboradas a partir das vivências e representações de si (BHABHA, 2013).

Nota-se que entre Mateus e Alejandro, em **Confissões ao mar** (2010), de Kadu Lago, o desfecho dos amantes não é diferente dos demais, a morte impõe-se como a autoridade do patriarcado, sobretudo, porque desde a infância, mesmo que se reconhecesse gay, Mateus não suportava essa ideia. Porque tendo nascido em uma família cristã protestante, na qual era reproduzida a estrutura patriarcal, as mulheres são submissas à vontade dos homens, pois D. Nazaré não tinha altivez até à morte do Sr. Osmar. E, depois da morte dele, a família e a fazenda são assumidas por Mateus mesmo contrariando a lógica, já que, neste caso, quem deveria assumir o comando da família era o filho mais velho – Lucas.

Desde a adolescência Mateus procura negar a si, quando nega os seus desejos pelo sexo igual, visto temer não ser aceito por Deus e pelos familiares, inclusive o pai por quem ele nutria grande admiração, mas que na posição de homem era rude e pouco demonstrava afeto com os filhos. Por pertencer a uma família cristã protestante, Mateus cresceu ouvindo que a relação amorosa entre dois homens é pecaminosa e anormal e, isso o afasta de Giovanni, colega de escola, por quem se apaixonara, sobretudo depois de Giovanni também se confessar apaixonado por ele, e ambos se afastam por causa dessa paixão. Depois, Mateus passa a se relacionar com mulheres como meio de fugir da experiência homoafetiva e, só muda seus sentimentos depois de conhecer Alejandro, o modelo colombiano que morava em Belém.

Após se conhecerem e se tornarem amigos, Alejandro começa a visitar São Luís, onde mora Mateus e, por conseguinte, vai até à fazenda, a qual era propriedade da família de Mateus e administrada por ele após a morte do pai, ali se envolvem até serem descobertos. Todavia, depois disso, o casal se separa, Alejandro vai para o Rio de Janeiro continuar a sua carreira de modelo e Mateus parte para a Espanha como meio de fugir dos seus sentimentos. É na volta, quando pretendia reatar o relacionamento com Alejandro que descobre que este estava morto há quase um mês, conforme o trecho que segue:

Leia, filho.

Abri o jornal. Um jornal do Rio de Janeiro. Uma foto de Alejandro, bem colorida. Um sorriso branco. Bem grande. Aquele sorriso de quem sabia o que queria.

“MODELO COLOMBIANO QUE RESIDIA E TRABALHAVA NO RIO DE JANEIRO É VÍTIMA FATAL EM ASSALTO NA PRAIA DE COPACABANA.”

Senti uma coisa se rebentar dentro de mim. E o jornal não era o bastante para me convencer. Não. Nada que pudesse existir naquele momento podia me convencer de que aquilo era verdade...

Na noite em que Alejandro morreu, estava andando na areia de Copacabana, como fizera várias vezes... Era sempre assim: quando a saudade que sentia vinha tão forte, o que acontecia com frequência, ele perdia o sono e saía a andar pela praia, sem saber exatamente para aonde estava indo, além do passado e de mim que estava tão distante... Assim foi quando lhe roubaram a vida. Ele não resistiu ao assalto, mas isto não evitou que levasse um tiro. E ainda chegou no hospital com vida. Com pouca vida.

Insisti em olhar para o jornal no chão, mas não acreditava.

[...]

Peguei o jornal novamente. Olhei a data. Ainda não fazia um mês que tudo havia acontecido.

Soltei o jornal e fiquei olhando para Dona Lucia, sentada à mesa, com os cabelos longos sobre o rosto, sentindo, calada, a dor de mãe de filho único. Morto. E não suportei continuar olhando pra ela. Fui para o terraço: raiva, dor, angústia, arrependimento, tudo despencando de uma só vez sobre a minha cabeça e a minha alma. Cerrei os pulsos e bati forte contra a parede. Olhei pra cima:

Por que tirou ele de mim? Por quê? Eu o amo tanto!

E quando eu percebi estava batendo com a testa na parede. Enchendo a minha cabeça de lembranças... Vi claramente a noite em que deixei Alejandro no aeroporto de São Luís, a última vez que vi o seu rosto. Memórias tão fortes! Dava quase para agarrar com as mãos...

Senti minha carne queimar no meu próprio inferno. Ouvi tudo que não foi dito, ser gritado dentro de mim... Vi os meus sonhos se apagando, como uma sombra desaparecendo na luz do sol. Um futuro estava sendo velado, e eu me sentia um cão ao lado do caixão. Sentado em cima do rabo.

Dona Lucia chegou e me abraçou novamente, tentando me acalmar:

Calma, Mateus. Calma... Tu vai machucar tua cabeça.

Diz que não é verdade, dona Lucia!

Eu queria poder falar isso, meu filho. Ah, como eu queria!...

Mas o Alejandro não está mais aqui. Mataram o meu filho, Mateus! Mataram o meu filho...

Havia uma cumplicidade na dor que ela e eu sentíamos. Mas eram duas dores distintas. Dois infernos queimando em corpos diferentes. Dentro da mesma sala (LAGO, 2010, p. 245-246).

Diferente de Mateus, Alejandro sabia o que queria como revelara o narrador e, é esse saber aonde se quer chegar o motivo contestado por aqueles que são contrários à homoafetividade e, nessa contestação o corpo gay é morto para conter a si e motivar os demais a não se assumirem. Nesta perspectiva, pode-se dizer que “o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder” (FOUCAULT, 2017, p. 154). A partir da perspectiva foucaultiana percebe-se que a morte funciona como agente do poder o qual determina o cessamento dos sinais vitais de todo àquele que se põe contra a norma, como transgressor dos preceitos sociais como é o caso dos homoafetivos.

Ressalta-se o corpo gay quando domesticado deixa de ser uma ameaça à orientação sexual dominante, pois ele se comporta como o patriarcado deseja, se Mateus tivesse continuado a negar a si, Alejandro não morreria. Também Renato e Eduardo/Stella não teriam morrido senão tivessem ousado sair dos seus “armários”, porque a “lei não pode deixar de ser armada, e sua arma por excelência é a morte; aos que a transgridem, ela responde, pelo menos como último recurso, com essa ameaça absoluta. A lei sempre se refere ao gládio” (FOUCAULT, 2017, p. 155).

3 CONCLUSÃO

A morte, nas narrativas gays, age como dispositivo de controle e poder sobre os corpos dos homoafetivos, não todos, mas sobre aqueles os quais têm a ousadia de não se comportar conforme os preceitos sociais de seus povos. Por sua vez, o projeto filosófico foucaultiano diz que os dispositivos podem ser entendidos como os discursos, leis, instituições sociais, códigos, regulamentos e proposições que demarquem a natureza das relações sociais. No caso, convém ressaltar que os dispositivos de controle disciplinar necessitam de corpos dóceis para que sua estratégia de dominação funcione adequadamente. E, por sua vez, os corpos gays são tomados como indóceis, contrariam a norma e, por isso, devem morrer para serem silenciados, visto que o jugo do pecado e da desobediência é a morte.

Se a não aceitação da docilização leva à morte dos homoafetivos, então, não fica difícil compreender porque, no Brasil, morrem por homofobia e/ou outras faces da violência urbana mais travestis e transexuais, visto que estes ao performarem vestidos de mulher tornam-se mais transgressores. Ao tomar os exemplos da cena literária propostos como exemplos para esse estudo, constatou-se que Eduardo/Stella já está morto socialmente. Ele não recebe cartas, telefonemas, fora ele completamente esquecido pela família e a morte, na prisão, é forjada para que não deixe rastros da culpa do Estado, mesmo que o sangue e o esperma oriundos de um possível estupro deixe mais evidente essa “armação”.

O acidente automobilístico que vitima Renato, em **O terceiro travesseiro**, indica que ele seria o próprio responsável por sua morte, pois dirigia em alta velocidade quando perdera o controle do carro. Dos três é ele o ponto de maior tensão, vive um triângulo amoroso e é aceito, normalmente, pela família, mesmo que, a princípio, quando do acidente no qual o pai dele o feriu com a faca pudesse ser pensado o contrário. A morte dele é também uma punição para a família. Por último, a morte de Alejandro é a punição por ele ter possibilitado que Mateus tivesse coragem de se assumir e viver com ele uma relação amorosa.

As convenções familiares que serviam de regularidade social são quebradas com a presença da homoafetividades dos filhos e, essa desarmonia causada tem como punição a morte social e/ou física dos mesmos. Portanto, assumir-se gay, mesmo que na contemporaneidade, é assumir o risco de morte, pois esta funciona como dispositivo de controle e poder sobre os corpos gays.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I**. 2. ed. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

_____. O que é um dispositivo? In: **Outra travessia**. ISSN 2176-8552, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2º semestre de 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>>. Acesso em: 03 set. 2017.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CARVALHO, Nelson Luiz de. **O terceiro travesseiro**. 13. ed. São Paulo: GLS, 2007.

DELEUZE, Gilles. **A vida como obra de arte**. In. Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FIGARI, Carlos. **@s “outr@s” cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 5. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 42. ed. 2. reimpr. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LAGO, Kadu. **Confissões ao mar**. 2. ed. São Paulo: Copacabana Books, 2010.

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NASCIMENTO, Mariangela. Soberania, poder e biopolítica: Arendt, Foucault e Negri. In. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia – Brasil, v.6, n.2, dezembro/2012. Disponível em: <www.ufrb.edu.br/griot>. Acesso em: 14 ago. 2017.

SANTIAGO, Silvano. **Stella Manhattan**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.